

## A FILOSOFIA E SUA DIDÁTICA PHILOSOPHY AND ITS DIDACTICS

Paulo Ghiraldelli Jr. \*

### Resumo

O texto parte de uma reflexão sobre a necessidade de se questionar a banalidade do mundo a partir das pressuposições filosóficas. Na comparação com o saber científico, Hegel, Marx e Richard Rorty são utilizados como exemplos do genuíno espírito filosófico, capaz de nos distanciar do mundo para melhor admirá-lo nos seus múltiplos aspectos. A fidelidade ao espírito filosófico conduz à necessidade de ensinar a filosofia. A didática da Filosofia não serve para retirar o rigor da tarefa filosófica. Grandes pensadores, como Descartes, souberam escrever para os eruditos e para o grande público. Embora haja características diferenciadas em cada tipo de publicação, não deixam nada a desejar tanto para o ensino, como para a didática, e muito menos para a própria Filosofia.

**Palavras-chave:** Filosofia, ensino, didática.

### Abstract

The following leaves form a reflexion on the need to question the banality of the world from philosophical pressuposes. In comparison with the cientifical knowledge, Hegel, Marx and Richard Rorty are taken as examples of the genuine philosophical spirit, capable of distancing us from the world to better appreciate it in its multiple aspects. The fidelity to the Philosophical spirit leads to the need to teach philosophy. The didactics of philosophy doesn't serve to withdraw the rigor of the philosophical task. Great thinkers, such as Descartes, have known to write for the litterate and the great public. Though there are different characteristics in each kind of publication, they leave nothing to desire much for teaching as for didactics, let alone Philosophy itself.

**Key-words:** Philosophy, teaching, didactics.

\* Professor da UNESP e Visiting Scholar - Oklahoma State University (USA). Home Page <http://www.ghiraldelli.pro.br/>

Karl Marx, um filósofo alemão do século XIX, escreveu certa vez que os filósofos tinham se dedicado a interpretar o mundo, e que, a partir de então, tratava-se de transformar o mundo. Richard Rorty, um filósofo norte-americano atual, aperfeiçoou a fórmula de Marx. Ele disse que deveríamos, de fato, transformar o mundo, mas que sempre fazemos isso desde o primeiro momento em que começamos a interpretá-lo e reinterpretá-lo.

A Filosofia, nesse papel de interpretar/transformar o mundo, é um dos nossos mais antigos campos do saber. Ela tem mais de vinte e cinco séculos. E, tomando-a de acordo com o nosso modo de vida, que é o modo de vida do Ocidente, dizemos que ela nasceu na Grécia Antiga, e que lá teve seus pais fundadores nas figuras de Sócrates, Platão e Aristóteles.

Apesar de velhíssimo, esse campo do saber nunca perde sua atualidade. A Filosofia é como certas bebidas: aquelas que, quanto mais velhas, melhores se tornam para serem degustadas. Mas não é a idade que faz a Filosofia diferente de outros campos do saber, como a ciência, por exemplo.

A ciência moderna se preocupa com os fenômenos que não são banais: a previsão da erupção de um vulcão, a cura para uma doença devido ao aparecimento de um novo vírus, a explicação de revoluções sociais e até mesmo as estratégias para realizá-las ou evitá-las, e assim por diante. A Filosofia, diferentemente, se volta para o banal, ou seja, para aquilo a que comumente não damos atenção. Sob a luz do olhar do filósofo, o que é banal perde sua banalidade. Platão e Aristóteles disseram isto da Filosofia: ela é um distanciamento para com o mundo, um admirar o mundo nos aspectos em que até então esse nada parecia admirável ou estranho. Querem um exemplo? O movimento.

Nada há de mais banal que o movimento, não é? Tudo está se movimentando e não ligamos para isso. No entanto, filósofos do tipo daqueles que viviam na Jônia (uma parte da Grécia Antiga), disseram que o movimento era uma ilusão. Sim, vejam: uma flecha nunca vai alcançar um alvo, pois ela tem de percorrer um certo espaço, e esse espaço tem um tamanho determinado; ora, um tamanho determinado sempre pode ser dividido em infinitas partes, não pode? Então, sempre haverá uma parte que a flecha ainda não percorreu. Se pensarmos nisso, veremos que o movimento, algo tão banal, diante desse raciocínio filosófico, perdeu sua banalidade, ficou algo estranho, esquisito. Será mesmo o movimento uma ilusão ou não? A resposta, aqui, é menos importante que a pergunta. O que quis mostrar é que a banalidade do movimento foi embora, na medida em que o olhar do filósofo entrou em jogo e analisou o movimento.

Os filósofos modernos continuaram essa idéia de atacar o banal, retirando dele a banalidade. Se falamos novamente em Karl Marx, lembramos que ele fez algo parecido com uma coisa superbanal: as mercadorias - os produtos que compramos e vendemos. Nada há de mais banal do que uma calça jeans, não é verdade? Entramos em uma loja e experimentamos a calça. Se serve, pegamos, se não serve, experimentamos outra. No entanto, muitas pessoas não fazem assim. Há pessoas que experimentam, olham no espelho e percebem que não cabem na calça. Não param um segundo para pensar em outra calça, porque outra calça não realçaria a parte do corpo que querem realçar ou esconder, e não pensam também em reorganizar a calça (como nossas avós sugeririam). A calça, até então um objeto (o que recebe a ação), adquire vida e se torna sujeito (o autor da ação) e, então, quem está comprando a calça se torna objeto na frente dela, pois ela ordena: "saia daqui agora e vá para uma academia!". Você obedece, porque você não é mais sujeito, o sujeito é a coisa morta, a calça - um pedaço de pano! - que passa a lhe dar ordens. Uma calça mais exigente lhe

ordena fazer uma “lipo”, e você cai nas mãos, não da academia, mas de uma sala de cirurgia. Cada calça, cada mercadoria, cria vida diante de nós. Marx denominou isso de fenômeno da reificação e do fetichismo. Reificação: quando nós, os vivos, nos portamos como coisas, o que é morto. Fetichismo: quando as coisas se portam como sujeitos de ação; o que é morto torna-se algo vivo, na medida em que começa a agir: passa a nos determinar. Ele disse que isso era uma das características dos nossos tempos modernos. Tirou da banalidade o que era um simples e completamente banal passeio por um shopping!

Mas a Filosofia não se ocupa só com aquilo que a ciência deixa de lado. Os filósofos são extremamente xeretas, e “metem o bico” onde nem sempre são chamados. Cientistas sociais, psicólogos, físicos, estrategistas, economistas e muitos outros homens e mulheres que fazem ciência se vêem, não raro, na companhia de um cara que não é especialista em nada, mas ousa falar das especialidades deles: o filósofo. E o que o filósofo faz quando adentra o campo alheio?

Friedrich Hegel, um filósofo do início do século XIX, escreveu que o mundo histórico, por mais que pudesse nos parecer ruim, tinha seu destino traçado no sentido de caminharmos de uma situação de menos liberdade para mais liberdade. Há filósofos que aprenderam essa lição de Hegel e, independentemente de tomá-la como um destino ou não, acharam que deveriam, sempre quando adentrassem um campo alheio, falar do que os especialistas não falam: perguntar sobre se estamos, no trabalho de cada especialista em ciência, ganhando ou perdendo liberdade.

Hoje falamos em clonagem, e os filósofos não são especialistas nisso. Mas são eles, se aprenderam bem a lição de Hegel, que vão fazer a incômoda pergunta: quanto estamos ganhando de liberdade com isso? Quem ganha e quem perde liberdade com isso?

Recentemente assistimos boquiabertos, pela TV, ao ataque terrorista contra Nova York. Todos nós, em sã consciência, condenamos o ataque: nada justifica o que os terroristas fizeram. Nada! A filosofia de Hegel foi mais fundo que isso, através de um belo artigo de Richard Rorty, publicado no jornal Folha de S. Paulo com o título “A liberdade sob os brucutus”. O que disse Rorty? Exatamente isto: se o Presidente Bush vai nos colocar em uma guerra, é bom que ele explique direito como isso vai acontecer e o faça sob as regras da democracia, pois não podemos combater o terrorismo, pagando o preço de perder as liberdades internas que vimos contruindo na democracia americana, nem podemos colocar para outros países pedaços de perda de liberdade.

Isso pode parecer bobagem para os homens de ciência, ou para os que querem apenas a simples punição dos terroristas. Mas para o filósofo, é o momento de ele agir. Afinal, dizem que músicas de John Lennon que falam da paz estão sendo “desaconselhadas” a ser tocadas em rádios nos Estados Unidos, e, mesmo no Brasil, há rumores de que o programa “Casseta e Planeta”, da Rede Globo, sofreu uma proibição interna: não se pode fazer piada sobre o acontecimento de Nova York. É aqui que entra o filósofo, perguntando: quem perde liberdade e quem ganha liberdade nessas decisões?

As perguntas dos filósofos, diferentemente das perguntas de outras pessoas, nem sempre são para ser respondidas. Elas ficam no ar, nunca respondidas, para nos alertar, para tirar o que é banal da banalidade. A liberdade é banal até a perdermos, e é o filósofo hegeliano que chama a atenção para ela, para que continuemos a cultivá-la.

## Didática da Filosofia

Há uma didática para o ensino da Filosofia?

Se há ensino, há didática. Se a Filosofia pode ser ensinada, há uma didática para ela. E como a filosofia pode, certamente, ser ensinada - pois é ensinada desde seus primeiros dias - , não há como negar que alguma didática é empregada no seu ensino. Qual é, então, o problema da didática em Filosofia?

A grosso modo, o problema da didática geral é um só: estabelecer o limite entre o que está sendo organizado, de maneira a ser melhor apreendido pelo estudante, e o assunto propriamente dito, como ele aparece classicamente na história do conhecimento. Assim, o problema da didática da Filosofia é, *mutatis mutandis*, o mesmo que o da didática geral - falando através de um exemplo: como posso organizar os argumentos de Pierce contra Descartes, de modo que eu venha a ser compreendido pelos meus estudantes sem, no entanto, trair o consenso que existe entre os bons professores de Filosofia a respeito do que disse Pierce na sua oposição a Descartes? Se consigo uma narrativa sobre isso que satisfaça as necessidades intelectuais de meus alunos e, ao mesmo tempo, tenha a bênção do crivo da crítica de meus bons pares e das minhas próprias exigências, realizei um bom trabalho didático em Filosofia, no que se refere a começar a explicar onde é que o pragmatismo dá início ao seu combate ao cartesianismo.

Colocado assim, formalmente, o problema da didática da Filosofia parece ser a coisa mais fácil de se solucionar no mundo. Em parte é, em parte não é.

Para o professor de Filosofia, que estudou Pierce e estudou Descartes, e que se lembra das dificuldades que passou com um e com outro, não vejo razões para, agora, uma vez mais velho, esquecer essas dificuldades e simplesmente acreditar que as novas gerações devem bater a cabeça nos mesmos lugares em que ele bateu. Um professor de Filosofia precisa entender de modo plausível a frase que Aristóteles teria dito a Alexandre, de que “não há atalho (caminho) real para a Filosofia”, diante da insistência de Alexandre em aprender, sem tanto esforço e demora. O grego não estava dizendo ao macedônio que ele precisava bater a cabeça nos mesmos lugares comuns de todos os estudantes, mas apenas avisando que ele, Alexandre, na Filosofia, não poderia dirigir seu cavalo intelectual como ele o fazia no trânsito da época com o seu próprio cavalo, ou seja, permitindo pegar estradas proibidas ao cidadão comum, mas abertas ao imperador. A Filosofia possui regras. O aprendizado da Filosofia idem. Essas regras são, exatamente, a didática da Filosofia - no caso, a didática da Filosofia que Aristóteles estaria usando para educar Alexandre.

Nos nossos tempos, quando a idéia da necessidade de democratização da cultura é algo quase indiscutível, surgiram pessoas que souberam muito bem mostrar que o ponto chave que toda didática procura é possível de ser achado para todo e qualquer assunto, ainda que certos assuntos ou partes deles tenham de ficar restritos, obviamente, a certas faixas etárias. A Filosofia não escapou disso. Descartes, por exemplo, escreveu tanto reflexões filosóficas e tratados como também textos com os quais ele queria ver seu modo de pensar divulgado, acessível, absorvível. Nesse sentido, Descartes não é só o pai da Filosofia moderna, é também, no campo do próprio ensino da Filosofia, um espírito moderno *par excellence*. Há quem diga, até, que ele e Comênio chegaram a marcar um encontro, para conversar, provavelmente, sobre manuais didáticos e sobre otimização do ensino. Esse encontro não ocorreu, mas o fato de ele ter sido, talvez, agendado, demonstra que Descartes se mostrava, ao contrário de muitos professores de Filosofia de hoje, como alguém que nada tinha de pedante. Estava longe dele a idéia de colocar o saber filosófico em uma redoma de vidro, cultuado

como um gato sagrado egípcio ou uma vaca na Índia ou qualquer outro tipo de totem. Todavia, quem conhece o texto que Descartes fez para divulgar suas idéias sabe muito bem que o que não falta ali é o rigor - rigor não no sentido de dificultar a leitura mas, ao contrário, um rigor filosófico e, ao mesmo tempo, didático, no sentido de tornar a leitura fluente.

O livro de que falo é o "Princípios de Filosofia", de 1644. Há quem diga que Descartes o escreveu como um texto de sistematização de suas idéias, até então esparsas. Isso é verdade. Mas é meia verdade. Descartes queria que o texto fosse um *textbook*. Assim, o livro foi escrito em latim e depois traduzido para o francês, para concorrer em pé de igualdade com outros em qualquer tipo de escola. O livro foi traduzido pelo Abade Picot para o francês, e revisado pelo próprio Descartes. Quem olha os manuais de ensino da época e lê o Princípios não consegue deixar de notar a semelhança de organização e estilo.

A forma de exposição, ao contrário das *Meditações*, é dogmática - própria de todo e qualquer manual, com um claro aviso no final, que faz com que o aluno se lembre de que, talvez, ele, mais tarde, tenha de reestudar tudo, lendo a própria obra de Descartes. Ou seja, no final do livro, Descartes avisa ao estudante que ele não deve acreditar em tudo que está ali, sem que aquilo seja examinado à luz de sua própria razão. Descartes chama o aluno para se juntar ao espírito do Iluminismo e, assim, de certo modo, talvez, levá-lo às *meditações* (do aluno) que, com sorte, seriam as *Meditações - as Meditações Metafísicas* (1641), de Descartes.

De Descartes até nós, uma boa parte dos grandes bons filósofos foram também bons escritores de manuais de suas próprias posições e, muitos, bons escritores de manuais de História da Filosofia. Tudo é voltado para o estudante, para aquele que não sabe e precisa ou quer saber Filosofia. Muitos, inclusive, fizeram mais: conseguiram ensinar a filosofia do adversário na medida em que, para criticá-lo, se viram na obrigação intelectual de organizar a posição do outro de uma forma acessível ao grande público - o "público leigo culto".

Agora, o que a didática da Filosofia não garante, seja ela qual for, é que o lema de Comênio possa ser cumprido: "ensinar tudo a todos". Por exemplo: posso ensinar a um aluno de graduação em ciências humanas, de modo correto e razoavelmente simples, o que é a teoria da verdade como redundância, de Frank Ramsey. Se me derem tempo e uma classe de alunos razoavelmente interessados, sei que me sairei bem nisso e, com certeza, não teria vergonha de botar minha aula no papel e apresentá-la aos meus pares mais velhos e melhores que eu. Mas eu não garanto poder fazer isso com estudantes mais jovens, obtendo o mesmo sucesso. E, é claro, acho impossível ensinar Ramsey para crianças - e inútil, o que é mais relevante! Acho mesmo que criança não precisa de Ramsey, nem precisa de Filosofia para aprender a pensar, de modo a vir um dia a ser um pensador tão bom quanto Ramsey. Nem precisa de Filosofia para vir a ser um pensador bom, mas não tão bom quanto Ramsey.

A didática da Filosofia, como a própria Filosofia, é para quem gosta de Filosofia. Por quê? Porque a Filosofia não se separa de seu ensino. Não há como. Todos que quiseram separar a Filosofia do ensino da Filosofia não fizeram nem uma coisa nem outra, foram apenas espantalhos em departamentos de Filosofia caducos. Agora, ensino de Filosofia não é algo que se resolve com reuniões para falar dele, é algo que só melhora se os professores de Filosofia, ao invés de falarem dele, ensinarem Filosofia. Mas em geral, os que falam sobre didática da Filosofia, sobre ensino da Filosofia, não conseguem escrever um texto capaz de ensinar aos alunos a oposição de Pierce a Descartes, muito menos a teoria da redundância de Ramsey. Eis aí, então, um outro problema da didática da Filosofia e... enfim, da Filosofia!